CORREIO POLÍTICO

POR **RUDOLFO LAGO**

PAULO PINTO/AGÊNCIA BRASIL

Lula terá que ampliar votos: nunca eleição virou no segundo turno

Diretor do Indexa: "Virada não é impossível, mas é muito difícil"

Três dias antes do primeiro turno, o Correio Político ouviu o diretor do Instituto Indexa, Arilton Freres, que, na ocasião disse: "A eleição será decidida por um detalhe". Nem Arilton nem o Correio Político têm bola de cristal, nem se arvoram nesse sentido. Mas, de fato, a eleição foi decidida por "um detalhe". Flávio Bolsonaro (PL) saiu à frente de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) com uma vantagem de apenas 1,8 ponto percentual. Em 2022, Lula saiu à frente de Jair Bolsonaro no primeiro turno com 5,23 pontos. Ao final, venceu com uma diferença de menos de dois pontos percentuais. Assim, Arilton repetiu à coluna o que dissera três dias antes do primeiro turno: "De novo, esse segundo turno será decidido por um detalhe". Na ocasião, embora sua última pesquisa indicasse vantagem de Lula, o diretor do Indexa já observava – e a coluna registrou – um movimento de voto útil para Flávio.

Contingente muito pequeno em disputa

"Esse movimento tendia a acontecer mais no segundo turno. Mas se acelerou e fez Flávio ultrapassar Lula", observa Arilton Freres. Para o diretor do Indexa, esse é o primeiro ponto a ser observado. A essa altura, há ainda margem de migração dos eleitores desses outros candidatos à Presidência para Flávio? Até onde esse fenômeno já se esgotou no primeiro turno? O que marcava a escolha desses eleitores em outros candidatos? Que resistências têm a Flávio? Que resistências têm a Lula?

JOÉDSON ALVES/AGÊNCIA BRASIL

Flávio: nunca resultado do primeiro turno foi tão apertado

Lula terá de acenar ao centro

"O grande desafio de ambos é agora buscar esse contingente, que é muito pequeno", diz Arilton. No caso de Lula, Arílton Freres observa a possibilidade de dois movimentos obrigatórios. "Lula precisará agora ir mais para o centro", começa ele. É um movimento complicado, porque os principais líderes do centro a essa altura estão aderindo a Flávio. Mas isso não significa necessariamente os eleitores. O outro movimento, que Arilton Freres observa que Lula já iniciou, é alimentar o "medo" de um retorno do bolsonarismo.

O "medo" será explorado por ambos

"Há aí, porém, um ponto: o 'medo' da manutenção de Lula é também o sentimento explorado por Flávio", continua o diretor do Instituto Indexa. No caso de Lula, seria principalmente a exploração do trauma da covid-19. Não há quem não tenha perdido amigo ou parente na pandemia. No caso de Flávio, colar em Lula o medo com a repetição de escândalos não evitados, ainda que nem todos se relacionem a ele.

Classe média

Há um outro grande problema para Lula enfrentar: encontrar um discurso para a classe média. Especialmente para a classe média que passou a viver de forma autônoma: os pequenos empresários, os motoristas de aplicativo e outros que ascenderam nos últimos anos sem um emprego formal. Lula perdeu muitos votos nesse segmento.

Dificuldade

"O PT sempre teve muita dificuldade de compreender esse movimento na classe média", considera Arilton Freres. Ele lembra a primeira proposta feita pelo governo Lula para regulamentar motoristas de aplicativo, aproximando-os das regras da CLT. Era tudo o que esses motoristas menos queriam. Estava estabelecida a desconfiança.

Médias e pequenas

Essa dificuldade com a nova classe média acentuou-se especialmente nas pequenas e médias cidades. E aí, há de novo um problema observado: nessas localidades, a militância petista é menor e menos organizada do que acontece nos grandes centros. Atingir, portanto, os eleitores dessas cidades e construir um discurso é o desafio.

Desânimo

Outro desafio grande de Lula é contornar o desânimo inicial diante de um resultado que ninguém no seu campo previa. Os primeiros dias na campanha do PT têm sido de bateção de cabeça, avaliação de erros, dedos apontados por responsáveis, possibilidade de troca de comandos e reorganização de rumos e de estratégias.

Salto alto

Do outro lado, porém, o risco observado é o "salto alto". Arilton observa: "É curioso como se percebia há algumas semanas certo desânimo da campanha de Flávio, algo que não se justificava porque ele sempre foi competitivo". Isso explica talvez certa soberda de Lula em avaliar com isso que poderia até vencer no primeiro turno.

Soberba

Agora, o risco da soberba muda de lado. No início da semana, grupos de Flávio já discutiam ministérios. "Precisam da mesma forma ter cuidado para não cair do salto", conclui Arilton Freres. A constatação dos novos movimentos só virá com as primeiras pesquisas. O Indexa deve começar a recolher dados no fim da semana ou início da outra.

CARLOS MOURA/AGÊNCIA SENADO

Alcolumbre segue com fim da 6x!, pressionado por governo e oposição

Calendário do fim da escala 6x1 vira disputa no Senado

Governo tenta quebrar interstício, oposição se apoia no rito para retardar

Por **Beatriz Matos**

Antes mesmo de chegar à votação, a PEC que prevê o fim da escala 6x1 passou a ser disputada pelo calendário. No segundo dia de discussão no Senado, nesta quarta-feira (7), governo e oposição concentraram menos esforços no mérito da proposta e mais em quando ela chegará ao plenário, uma decisão que pode colocar o tema no centro da reta final da disputa entre o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e o senador Flávio Bolsonaro (PL).

O presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União-AP), reafirmou que seguirá o rito acertado antes das eleições. Segundo ele, o compromisso era iniciar a análise depois do primeiro turno, e não necessariamente concluir a votação antes de 25 de outubro. Sem um pedido formal para acelerar a tramitação, afirmou, não há como reduzir as etapas.

"Meu desejo é cumprir integralmente o rito constitucional, sem atropelos, sem acelerar nada", disse. Pelo calendário regular, serão cinco sessões de discussão antes da votação em primeiro turno. Depois, ainda há intervalo regimental e três sessões antes do segundo turno.

A base governista tenta mudar esse relógio. A líder do governo no Senado, Teresa Leitão (PT-PE), anunciou que parlamentares estão recolhendo assinaturas para apresentar um calendário especial, com quebra do interstício entre as votações. A previsão é protocolar o requerimento nesta quinta-feira (08).

A senadora argumenta que a aceleração é necessária para concluir a votação antes do segundo turno. Ao criticar a alternativa defendida por senadores da oposição, com maior liberdade de negociação entre patrões e empregados, afirmou, "Quando o patrão e o trabalhador negociam diretamente, o trabalhador entra com o pescoço e o patrão com a corda."

Do outro lado, Rogério Marinho (PL-RN), líder da oposição no Senado, defende que o Senado cumpra integralmente os prazos regimentais e acusa o governo de tentar transformar a PEC em instrumento eleitoral. Segundo ele, a Casa não pode conduzir a discussão de maneira "atropelada".

Marinho também se opõe ao texto atual e defende uma proposta própria, baseada em maior flexibilização da jornada e remuneração por hora trabalhada.